

Leituras urbanas: explorando a morfologia histórica do Porto Porto, 2025

Danielle Reis^a, **José Landy Giorio do Vale^b**, **Luiz Rocha^c**, **Alain Flandes^d**,
Giselle Arteiro Nielsen Azevedo^e e **Vera Regina Tângari^f**

^a Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Projeto e Patrimônio
(PGPP/UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
E-mail: danielle.reis@fau.ufrj.br

^b Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura
(PROARQ/UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
E-mail: joselandy@gmail.com

^c Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura (PROARQ/UFRJ),
Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
E-mail: luiz.rocha@fau.ufrj.br

^d Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura
(PROARQ/UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
E-mail: alain.gomez@fau.ufrj.br

^e Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura (PROARQ/UFRJ),
Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
E-mail: gisellearteiro@fau.ufrj.br

^f Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura (PROARQ/UFRJ),
Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
E-mail: vtangari@fau.ufrj.br

Submetido em 29 de julho de 2025. Aceito em 13 de agosto de 2025.
<https://doi.org/10.47235/rmu.v13i2.479>

Este relato sobre o Percurso Histórico (26/06/2025) apresenta uma síntese do trajeto realizado em junho de 2025, na cidade do Porto, como atividade complementar à 13ª Conferência promovida pela Rede Lusófona de Morfologia Urbana (PNUM). Conduzida pelo professor José Pedro Tenreiro, da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa (FAUL), a caminhada teve como objetivo principal apresentar o centro histórico e o processo de formação urbana da cidade do Porto, com base na leitura de seus espaços construídos e nas transformações ocorridas ao longo do tempo.

O trajeto teve início na Praça D. Filipa de Lencastre e foi concluído na Rua Nova da Alfândega, na região das docas. Entre esses dois pontos, percorremos áreas marcadas por distintas camadas históricas, o que permitiu

experenciar as sobreposições espaciais e arquitetônicas da cidade.

O percurso foi realizado por um grupo diverso, reunindo pessoas de diferentes nacionalidades, idades, formações acadêmicas e trajetórias profissionais. Essa heterogeneidade ampliou o olhar coletivo, estimulando trocas entre distintos modos de perceber e vivenciar a cidade. Mais do que um simples percurso guiado, a atividade proporcionou uma leitura sensível e compartilhada do espaço urbano, em que cada parada se constituía em um momento de escuta atenta e observação. Vale destacar que a imersão no contexto histórico motivou a realização de paradas adicionais, não previstas no roteiro original, enriquecendo ainda mais a experiência dos participantes.

Nosso objetivo, ao relatar esta experiência, não é apenas descrever o trajeto, mas também

convidar o leitor a percorrê-lo conosco. Propomos, assim, uma narrativa dividida pelas principais paradas do percurso — momentos em que o grupo se deteve para

ouvir as explicações do professor Tenreiro, mas também para refletir coletivamente e compartilhar diferentes perspectivas sobre a cidade (Figura 1).



Figura 1. Mapa de localização do trajeto realizado, à esquerda, e do trajeto estipulado, à direita (Reis, D. sobre base *Google Maps*; PNUM, 2025)

Ponto 01: Praça D. Filipa de Lencastre

O encontro teve início no período da tarde, após as sessões de palestras e debates. A Praça D. Filipa de Lencastre foi definida como ponto de partida do percurso, momento em que o professor José Pedro Tenreiro esclareceu que a caminhada seria realizada em sentido inverso, iniciando-se pela região ocupada mais recentemente da cidade e avançando em direção ao núcleo urbano mais antigo.

No primeiro momento, foram introduzidos os aspectos relacionados ao plano de expansão da cidade do Porto. Em resposta às exigências impostas pelo crescimento urbano, o professor Tenreiro destacou que houve a necessidade de alargamento viário, com a proposta inicial prevendo a criação de uma via principal, mais ampla, acompanhada por ruas auxiliares, de traçado mais estreito.

Durante a explanação, foram destacados elementos da malha urbana, com ênfase na permanência de ruas secundárias bastante estreitas, mesmo após intervenções de ampliação. Também foi observada a disposição das edificações, cuja implantação em determinados pontos atua como referência visual, especialmente em função das características topográficas. Por fim, o professor Tenreiro mencionou que o plano de expansão foi revisitado em diferentes momentos e não chegou a ser executado em sua totalidade. Um exemplo citado foi o de um túnel existente no local, originalmente previsto como via aberta, mas que acabou sendo implementado em outro formato (Figura 2).



Figura 2. Ponto 01: Praça D. Filipa de Lencastre (do Vale, J. L., 2025)

Parada 02: Encontro da Rua José Falcão com a Rua de Santa Teresa

Nesta parada, foram observadas as novas edificações, incluindo prédios em estilos modernos. Foi apresentada a chamada *regra dos 45 graus*, prática adotada em Portugal que estabelece diretrizes para a disposição das fachadas dos edifícios. Essa norma contribui para a continuidade visual entre as construções, mesmo em terrenos com desníveis acentuados, além de orientar a disposição de varandas e janelas.

O professor abordou o contexto da ocupação do solo na área, destacando que a região era formada por diversas quintas particulares, o que dificultava o planejamento urbano. Ele explicou que a ausência de um cadastro urbano preciso agravava esses desafios. Conforme as quintas eram desmembradas — seja por venda ou apropriação familiar —, novas vias eram abertas, dificultando a organização sistemática da cidade. Esse processo influenciou diretamente o traçado urbano, e algumas das vias implantadas nessa época permanecem preservadas até os dias atuais (Figura 3).



Figura 3. Ponto 02: Encontro das ruas José Falcão e Santa Teresa (do Vale, J. L., 2025)

Parada 03: Praça de Gomes Teixeira (Fonte dos Leões)

Nesta parada, foi destacada a presença das edificações religiosas e seu papel histórico na ocupação da cidade do Porto. As ordens religiosas, ao longo do tempo, se apropriaram de diversos terrenos na região, construindo importantes conjuntos arquitetônicos. No entanto, com o aumento do seu poder e influência, passaram a ser gradualmente limitadas pela Coroa Portuguesa. Como resultado, muitos desses espaços foram reapropriados e, posteriormente, adaptados para novos usos civis, culturais e

administrativos. Entre os elementos observados neste ponto do percurso, destacam-se o monumento da Fonte dos Leões, o antigo Colégio Jesuíta — atual edifício da Universidade do Porto —, a Igreja do Carmo e a Torre dos Clérigos.

O professor Tenreiro também mencionou que, nessa região, havia um antigo aqueduto responsável pela distribuição de água na cidade. Embora tenha sido em grande parte demolido, um pequeno trecho ainda permanece visível, como testemunho da infraestrutura que um dia existiu (Figura 4).

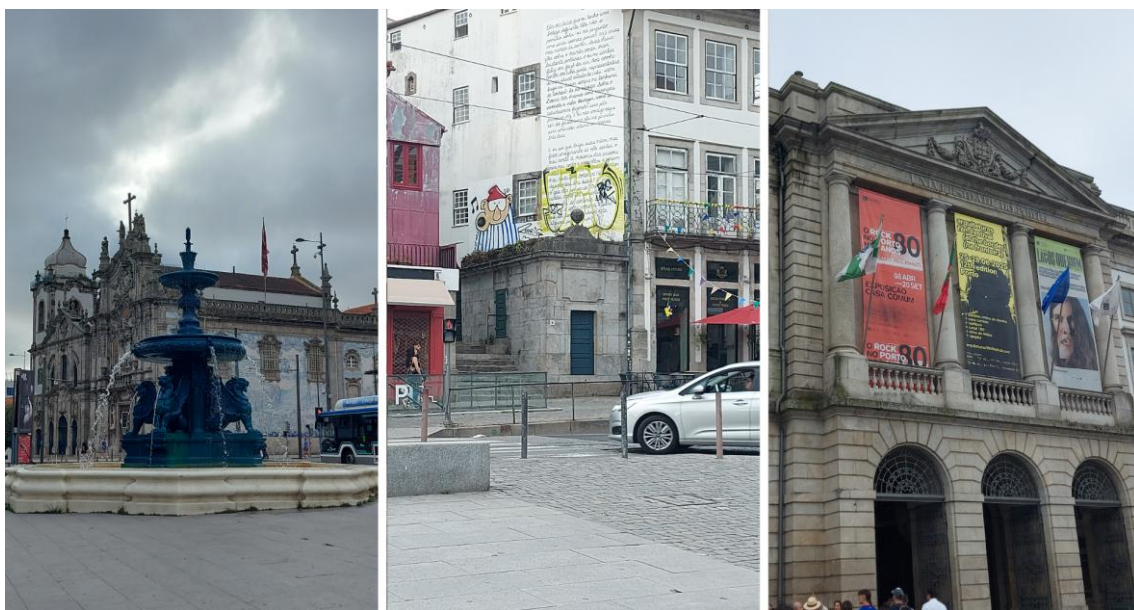


Figura 4. Ponto 03: Praça de Gomes Teixeira, em destaque a Fonte dos Leões e o Aqueduto (do Vale, J. L., 2025)

Parada 04: Largo Amor de Perdição

Ao cruzarmos a Rua de São Filipe de Nery e chegarmos ao Largo, o professor nos informou que aquele ponto marcava o antigo limite da cidade medieval do Porto. A partir dali, seguimos pela Rua de São Bento da Vitória, onde foi mencionada a presença da antiga judiaria. Durante o percurso o prof. Tenreiro explicou que aquela região havia abrigado a comunidade judaica e que uma de suas principais características era a ortogonalidade do traçado urbano, contrastando com a malha irregular do entorno.

Ele mencionou que, embora a comunidade tenha sido removida do local, algumas marcas

de sua presença ainda permanecem. Um exemplo é uma casa do século XVII que, apesar da simplicidade de sua construção, apresenta uma moldura em cantaria que atua como elemento estrutural e de contrapeso da fachada.

Ao ser questionado sobre a composição social da área, o professor explicou que famílias de diferentes classes sociais habitavam a mesma rua. O que distinguia os moradores era o tamanho dos imóveis: famílias com maior poder aquisitivo adquiriam as casas vizinhas e, com isso, ampliaram suas residências ao longo do tempo (Figura 5).



Figura 5. Ponto 04: Fachadas da Rua de São Bento da Vitória (Antiga Judiaria) (do Vale, J. L., 2025)

Parada 05: Miradouro da Vitória

Ao final da Rua de São Bento da Vitória, chegamos ao Miradouro da Vitória, ponto elevado com vista para a cidade, para o Rio Douro e para Vila Nova de Gaia. O local proporcionou um momento de contemplação e registro fotográfico, acompanhado de algumas observações feitas pelo grupo, e complementadas pelo professor. Foram destacados os telhados recortados, com

múltiplas águas, os acréscimos de prismas de ventilação e as mansardas, presentes sobretudo nas residências de famílias com maior poder aquisitivo. Ele comentou também sobre as cores que compõem a paisagem urbana vista de cima e, por fim, sobre o episódio histórico do cerco da cidade. Após a pausa, o percurso histórico continuou pela Escadaria Vitória até chegar na Rua Ferreira Borges (Figura 6).



Figura 6. Ponto 05: Miradouro da Vitória (do Vale, J. L., 2025)

Parada 06: Rua de Ferreira Borges (Praça do Infante Dom Henrique)

Foi informado que aquela região correspondia ao antigo centro comercial da cidade, reunindo intensa atividade econômica e significativa concentração de riqueza. Entre as edificações de destaque, observamos o Palácio da Bolsa e o antigo mercado, construído com estrutura metálica e vidro, e a Praça da Ribeira, caracterizada pelo desnível

do terreno. No centro da praça, destaca-se o monumento em homenagem ao Infante Dom Henrique.

O prof. Tenreiro ressaltou que a Rua da Alfândega é uma das poucas vias que, mesmo inserida na malha medieval, já possuía uma largura significativa desde sua origem. Isso se deve ao fato dela se conectar diretamente à área do cais, local estratégico para as atividades comerciais da região (Figura 7).



Figura 7. Ponto 06: Praça Infante D. Henrique (do Vale, J. L., 2025)

Parada 07: Largo do Terreiro e Rua da Reboleira

Após a Praça do Infante, o percurso seguiu pelo Largo do Terreiro e pela Rua da Reboleira, localizados na zona ribeirinha da cidade, em um dos trechos mais antigos do núcleo medieval do Porto. Entre as ruas sinuosas e as fachadas típicas da região, o professor compartilhou uma curiosidade sobre uma antiga casa de produção de chumbo. A sua altura e a proximidade com a água foram condições essenciais para que essa edificação se consolidasse como um importante local de

produção de chumbo — atividade que, atualmente, não existe mais.

Pouco depois de ultrapassarmos a metade da Rua da Reboleira, encontramos uma casa-torre de origem medieval. Embora sua aparência remeta à arquitetura militar — com paredes espessas, coroamento de ameias e aspectos revestidos por elementos que emulam antigas muralhas — trata-se, na verdade, de uma edificação civil. O professor observou que esse é um dos poucos exemplares preservados da arquitetura doméstica do século XIV (Figura 8).



Figura 8. Ponto 07: Rua da Reboleira (do Vale, J. L., 2025)

Parada 08: final do percurso

Ainda pela Rua da Reboleira, chegamos ao ponto final do nosso trajeto: a Rua da Alfândega, com vista para o Rio Douro. Ali, próximos ao ponto do bonde e à Igreja de São Francisco, aproveitamos para registrar uma

foto do grupo. Na despedida, trocamos agradecimentos com o rof. Tenreiro e entre os colegas — agora um pouco mais próximos, conectados não só pela cidade percorrida, mas pelas conversas e experiências compartilhadas ao longo do caminho (Figura 9).



Figura 9. Ponto 08: Igreja de São Francisco, Rio Douro e Rua da Nova Alfândega (do Vale, J. L., 2025)

Reflexões sobre a experiência

A experiência vivida no percurso realizado pelo centro histórico da cidade do Porto transcendeu os limites de uma atividade complementar. Houve um entrelaçamento entre o ato de caminhar pelas ruas, a escuta da narrativa histórica do professor, a observação das múltiplas camadas da paisagem urbana e

as vivências individuais de cada participante. Dada a composição diversa do grupo, os integrantes foram convidados a aplicar, no espaço vivido, os conhecimentos previamente construídos entre as paredes da sala de aula e em suas experiências cotidianas. Estávamos, através do percurso, imersos numa experiência de educação patrimonial na cidade portuguesa.

Essa possibilidade reforça o entendimento de que o aprendizado não se limita ao conteúdo transmitido, mas se concretiza na medida em que somos capazes de articular teoria e realidade, pensamento e prática, espaço e tempo. Aquilo que se revelou diante dos nossos olhos, nos edifícios, nos vazios, nos espaços livres, nos traçados e nas histórias narradas, ampliou nossa compreensão sobre os processos urbanos e, ao mesmo tempo, nos levou a reavaliar os modos de ensinar e aprender.

Percorrer a cidade de Porto foi, assim, também uma forma de explorar, vivenciar e, em certa medida, reconstituir o próprio conhecimento, construindo pontes entre a didática e a afetividade, entre o que lemos e o que percebemos, entre o coletivo e o individual. Ao final do percurso, levamos conosco não apenas imagens e informações, mas a consciência de que o espaço urbano é, em si, uma sala de aula em constante transformação, aberta, plural e repleta de possibilidades de ensino e aprendizagem.

*Editoras responsáveis pela submissão: Eneida Maria Souza Mendonça, Michela Sagrillo Pegoretti.
Editor assistente: Vitor de Toledo Nascimento. Editora de texto: Linda Emiko Kogure.*

Licenciado sob uma licença Creative Commons.

